



Acordo Internacional dos Trabalhadores e dos Povos

ARGEL, 8, 9 E 10 DE DEZEMBRO DE 2017:
9ª Conferência Mundial Aberta contra a Guerra e a Exploração
(por iniciativa do AIT e organizada pelo PT da Argélia)

Declaração

Os 230 delegados de 42 países, a doptaram a seguinte Declaração:

A situação é marcada pelas maiores perturbações a nível mundial, com uma crise sem precedentes da dominação imperialista a abrir as portas às mais perigosas aventuras para toda a humanidade.

Governos e regimes, embora frágeis e em crise, para manter o sistema capitalista atacam os trabalhadores e os povos oprimidos. Logo que se reuniu em sessão plenária, a Conferência adoptou – por unanimidade e com sentido de responsabilidade – a seguinte Resolução:

«Nós, 230 delegados reunidos na 9ª Conferência Mundial Aberta do AIT – que foi apoiada por cerca de 700 responsáveis (políticos e sindicais) e militantes anti-imperialistas de 60 países – condenamos com o maior vigor a provocação de D. Trump relativa à sua anunciada decisão de transferir a Embaixada dos EUA de Telavive para a cidade de El Qods (Jerusalém) ocupada, com o objectivo de fazer dela a capital do Estado hebreu (israelita). Manifestamos o nosso apoio incondicional ao povo palestino, na sua luta pela recuperação dos seus direitos nacionais.»

Ao longo da Conferência, os intervenientes saudaram o combate do povo palestino pelos seus direitos inalienáveis.

Muitos deles sublinharam a responsabilidade esmagadora das instituições internacionais e, para além das lágrimas de crocodilo, também dos regimes e dos governos reaccionários da Região do Médio-Oriente.

Os participantes na Conferência chegaram a uma mesma conclusão.



Correspondant

Em toda a parte, os trabalhadores e os povos oprimidos estão confrontados com uma crise terrível resultante da decomposição do sistema capitalista. E eles resistem de forma obstinada.

A pretexto da «luta contra o terrorismo», as guerras imperialistas – desmantelando as nações e semeando o caos – generalizam-se, à conta das grandes multinacionais, que concorrem ferozmente pela pilhagem dos recursos naturais e das matérias-primas.

Estas guerras levam ao êxodo de milhões de trabalhadores e de jovens.

“ No mesmo momento em que os governos imperialistas atacam os povos oprimidos – e, para o fazer, aumentam os orçamentos militares

– procuram, em nome da crise, destruir todas as conquistas dos trabalhadores nos países imperialistas. Esta ofensiva do imperialismo desmanteladora das nações exprime-se, em particular, na política de «golpe de Estado» no Brasil e nas ameaças em relação à Venezuela.

É indubitável que a opressão colonial e imperialista se perpetua e se agrava, com a cumplicidade dos regimes preocupados em manter os laços com o imperialismo.

Todas as conquistas sociais e democráticas da classe operária são atacadas, reforçando a exploração dos trabalhadores e nomeadamente



das mulheres: privatizações, ataque aos Códigos do Trabalho, às convenções colectivas, ao direito à instrução e à protecção social, bem como do direito à saúde – provocando a resistência dos trabalhadores com as suas organizações.

Os delegados à 9ª CMA saúdam e apoiam o combate pela defesa da Segurança social à escala internacional e em cada país.

O direito de greve é sistematicamente posto em causa.

A independência das organizações sindicais é atacada, ameaçando-as de destruição através da integração.

Por todo o lado os trabalhadores e os povos procuram bloquear esta ofensiva para defender os seus direitos vitais, as suas conquistas sociais, a soberania nacional nos países oprimidos, trazendo novas forças para a resistência à política do imperialismo. Uma política de decomposição que atinge particularmente a juventude, mergulhando-a na precariedade, na guerra e na migração.

Para além das situações nacionais, esta resistência choca-se com as pressões que se exercem sobre os dirigentes do movimento operário e popular para que eles aceitem, acompanhem e participem mesmo em todos os golpes preparados e desferidos pelos diversos governos ao serviço do capital, apresentando como argumento que *«não podemos fazer de outra maneira»*.

A CMA considera, pelo contrário, que o colapso e o caos para os quais o regime capitalista arrasta a humanidade não são inelutáveis, como demonstraram os mais de 80 intervenientes que se expressaram durante estes três dias.

Todas as intervenções exprimiram a resistência dos trabalhadores e dos povos, com as suas organizações que – no seu próprio terreno, o da luta de classes – procuram abrir uma saída.

Nesta situação, a CMA saúda todos os combates dos trabalhadores e dos povos oprimidos em defesa dos seus direitos. Ela considera que não há

nada mais crucial do que ajudar a preservar ou a reforçar a independência das organizações da classe operária e da juventude, bem como todos os processos de resistência existentes no interior do movimento operário, como o explicaram muitos intervenientes.

Esta Conferência, a riqueza dos debates e a qualidade dos participantes mostram a necessidade de continuar em contacto, de trocar todas as informações e de prosseguir uma discussão aberta entre todos os participantes. Essa necessidade é confirmada pela unidade dos problemas colocados, a solidariedade internacional e a ajuda ao combate a desenvolver em cada país.

“ A 4 de Janeiro de 1991, o Manifesto adoptado pelo Acordo Internacional dos Trabalhadores e dos Povos (AIT), na sua Conferência de fundação de Barcelona, afirmava a confiança dos participantes *«na capacidade dos trabalhadores do mundo inteiro para se libertar das cadeias da exploração e da opressão, na sua capacidade para edificar um mundo em que a colaboração harmoniosa entre as nações e os trabalhadores se substituirá a este mundo de barbárie que aumenta cada vez mais (...).»*

A CMA faz suas as conclusões da 8ª CMA de Argel, de Novembro de 2010, e reafirma:

«Esta confiança reforçada pelos acontecimentos que se produziram: apesar de todos os sofrimentos e de todas as destruições, a vontade de resistência e de luta dos trabalhadores e dos povos – que não aceitam desaparecer – continua a ser o elemento essencial em que repousa o futuro da humanidade (...). Nós reafirmamos: a paz e a fraternidade entre os trabalhadores e os povos só podem ser realizadas pelos próprios trabalhadores e povos. Só podem ser realizadas sobre a base da satisfação das suas necessidades fundamentais, que se chocam com as da classe dos exploradores – classe que traz no seu seio a guerra e a bancarrota.»

É por isso que apoiamos a proposta da Coordenação do AIT de ser examinada a possibilidade de, nos próximos meses, representantes de todos os países aqui presentes se possam reunir de novo para se constituírem em Comité Internacional de Ligação da 9ª CMA, para prosseguir o intercâmbio entre nós, organizar as acções comuns e a solidariedade internacional.

Contra a guerra e a exploração
Pela defesa :

- dos direitos sócio-económicos dos trabalhadores e da juventude;
- da independência das organizações sindicais;
- das liberdades democráticas;
- da soberania dos povos e das nações.

Argel, 10 de Dezembro, 2017